

לכל
לכל
לכל

לכל
לכל
לכל

לכל
לכל
לכל

לכל
לכל
לכל

לכל
לכל
לכל

לכל
לכל
לכל

Francisca Carvalho
16 Nov 2024–18 Jan 2025

Três Irmãs, 2023

Tintos naturais em tecido 100% algodão

500 x 115 cm (x3)

Aconteceram em Sanganer, Rajastão, no Noroeste da Índia, em Abril de 2023. Cada qual tem cinco metros de comprimento por cerca de um e meio de largura e é feita com corantes naturais em tecido cem por cento algodão. As medidas são importantes, porque revelam uma origem—a mesa de trabalho na oficina armazém de Vikram Joshi, dono da fábrica de tecidos Rangotri e conhecedor de tinturaria antiga, tal como era e ainda é, mas escassamente, praticada em várias regiões na Índia. Esta foi a segunda vez que lhe aluguei, à semana, uma mesa de trabalho para fazer o que aqui vêm.

Porquê Três Irmãs? Mais pelo sentido da frase (e recorrendo aos desenhos animados de 87/88—“Il était une fois... la vie») e menos pelas referências literárias—Tchékhov e Gertrude Stein (embora lá estejam, atrás da nuca). Há a literalidade de serem três tecidos (ha! ha!) e de serem, entre si, familiares—vieram do mesmo ambiente, partilham os mesmos elementos e matérias—tintos naturais, fibras vegetais. Temos a repetição e as suas falhas, interrupções, pequenas diferenças a gerar imprevisíveis abismos na maneira de ser, como entre irmãs, “who are not sisters”.

Three Sisters, 2023

Natural dyes embedded on cotton fabric

500 x 115 cm (x3)

They happened in Sanganer, Rajasthan, northwest India, in April 2023. Each one of them is five meters long by about one and a half meters wide and is made with natural dyes on cotton fabric. The measurements are important, because they speak of the place of origin—the worktable in the warehouse workshop of Vikram Joshi, owner of the Rangotri textile factory and a connoisseur of ancient dyeing, as it was (and still is, but sparsely) practiced in various regions of India. This is the second time I have rented him a worktable to do what you see here.

Why Three Sisters? More because of what it can mean (and acknowledging the 87/88 cartoons—“Il était une fois... la vie”) and less for the references in literature—Chekhov and Gertrude Stein (though they do have an influence behind the scenes). Of course, this is literal—we do see three fabrics (ha! ha!) familiar to each other, coming from the same place, sharing the same elements and materials—natural dyes, vegetable fibers. We have repetition and its failures, interruptions, small differences generating unpredictable abysses in the way of being, as between sisters, “who are not sisters”.

Três Irmãs (...) Three Sisters

A peça começa com três personagens irmãs que não são irmãs¹, são órfãs as três, logo a seguir entram dois irmãos, filhos da mesma mãe e do mesmo pai, não órfãos. Espalham-se pelo palco, auto identificam-se relacionais, num jogo de curtos-circuitos, repetição de palavras—irmãs, irmãos, órfãos, não órfãos, ser e não ser; quebrados pela interjeição desviante de uma das três irmãs (que não é irmã)—“what are we going to do about it?”. Um estado de coisas é dado “we are three sisters” e imediatamente retirado “who are not sisters”. Divertimento típico da primeira infância, Gertrude Stein parece ensaiar “as escondidas” num texto, ao qual chama “melodrama”. As cinco personagens desestabilizam-se entre si, nunca na historieta, mas na identificação das próprias. São e não são ao mesmo tempo, tornando a coreografia das falas, que é ritmo, o único princípio de realidade. A desestabilização é humorística e infantil porque a matriz do jogo é a repetição, regresso ao signo pelo esgotamento da sintaxe. Ora aí têm! “Three sisters who are not sisters. A melodrama”. A play plays itself. Short sentences are paramount. Words are repeated like chasms. A short circuit is created or maybe um proto algoritmo ALGO no RITMO (or *something in the way she moves*)... What the hell does this have to do with patterns?... And what if you talk about pattern making instead?

Em tempos idos dizia-se debuxar. *Debuxo, dibujo, desígnio, desenho* e por aí afora, pertencem à mesma família semântica. Um debuxador era um desenhador de padrões.

Edouard Vuillard, pintor e debuxador, como outros membros dos Nabis, equiparava as artes decorativas à pintura dita de cavalete. Criou cenários para teatro, murais decorativos, tecidos pintados, gravuras, desenhos para vitrais e placas de cerâmica. No início da década de 1890, trabalhou especialmente para o Théâtre de l'OEUVRE de Lugné-Poe.

Da decoração de teatro, Vuillard passou rapidamente para a decoração de interiores. No decurso do seu trabalho no teatro, conheceu os irmãos Alexandre e Thadée Natanson, fundadores da La Revue Blanche, uma revista cultural. Os desenhos de Vuillard aparecem na revista, juntamente com Bonnard, Toulouse-Lautrec, Vallotton. Em 1892, por encomenda dos irmãos Natanson, Vuillard pinta os seus primeiros “frescos de apartamento” para a casa de Mme Desmarais².

I have entered Vikram Joshi's workshop³ for the first time in 2019. Era Agosto em Sanganer, Rajasthan, Northwest India. Chovia. Estávamos em plena época das monções. Sentada à mesa de Vikram na qual se estende um mapa antigo de Sanganer, desenhado à mão, pergunto-lhe sobre tinturaria. É um perito, aprendeu natural dyeing practices com o seu mestre K. V. Chandramouli que publicou, em 1993, o livro “The Colour of our Lives”.

Vikram “O meu primeiro trabalho foi documentar as estampas tradicionais do Rajastão e, para isso, fui a todas as aldeias possíveis, encontrando não só estampadores, mas também todas as famílias alargadas que trabalhavam com os estampadores. É interessante verificar que uma comunidade de impressores está associada aos tintureiros, que são outra comunidade e com os quais tem uma relação especial.

Three Sisters (...) Três Irmãs

Não se trata apenas de uma relação laboral, mas também de interdependência. Depois, os fabricantes de blocos são outra comunidade que também faz parte de todo o processo. Há pessoas que fazem a lavagem especial do tecido e, depois, há pessoas que fazem a parte do tingimento. Por isso, a impressão é feita por uma família, o fabrico de blocos é feito por outra família, o tingimento é feito por outra família. . . Assim, numa aldeia, todos são como uma comunidade que trabalha em conjunto e todos são interdependentes, mesmo de diferentes cultos e comunidades, e penso que é isso que torna esta prática tão bonita, numa impressão, essa ligação entre as diferentes comunidades e famílias”.

Passei depois à mesa de impressão, forrada a cobertores, onde o tecido a imprimir é esticado com alfinetes. O trabalho dá início às formas no tecido, ouvem-se as minhas pancadas nos blocos de madeira, o chiar das rodas do carrinho a suportar o tabuleiro de tinta. Tudo cheira e tudo é ritmo.

Srinivasa Ramanujan, mathematician or the great pattern-making guru e o seu *Teorema dos Primos*.

Há toda uma teoria empírica sobre o comportamento dos corantes naturais baseada na metáfora da família. Há graus de compatibilidade entre fibras e corantes, a lógica dos casamentos ou encontros alegres e tristes opera também na matéria. (Pragmática de Espinosa). Há também o corpo humano como instrumento de aferição sensitiva de precisão—o quente e o frio, a temperatura certa da água, o cheiro do estado das substâncias vegetais e do tempo dos metais que apodrecem nos banhos mordentes, as cores, a afinação subtil e certa dos tons.

Saktivel Vilvapathy⁴, professor no departamento de tinturaria do National Institute of Design em Ahmehdabad refere “Antigamente, muitos dos tintureiros na Índia costumavam ser também praticantes de medicina. Cada componente que extraíam de uma fonte vegetal, por exemplo, era articulada com os *gunas*, palavra do Sanscrito, usada no Ayurveda, que quer dizer carácter ou natureza ou qualidade de um elemento químico”.

Curar e corar. Sobrevivência concreta do pensamento analógico, correspondências entre matérias (or patterns as bridges)—o tecido que é pele, as fibras dos músculos e cabelos, a adstringência do metal e de certos frutos que fazem contrair as papilas gustativas e que coram tecidos.

Por fim, dando este texto por inacabadamente terminado e em jeito de despedida (temporária), gentis leitores, não esqueçamos Bateson⁵ quando diz que *o padrão está em todo o lado*.

The play begins with three characters who are sisters who are not sisters¹, all three are orphans, followed by two brothers, children of the same mother and father, not orphans. They are scattered around the stage, self-identifying and relational in a game of short circuits, repetition of words—sisters, brothers, orphans, non-orphans, being and not being; broken by the deviant interjection of one of the three sisters (who is not a sister)—“what are we going to do about it?”. A state of affairs is given “we are three sisters” and immediately removed “who are not sisters”. Typical of early childhood fun, Gertrude Stein seems to be rehearsing “hide-and-seek” in a text she calls a “melodrama”. The five characters destabilize each other, never in the story, but in their self-identification. They are and are not at the same time, dancing with sentences, creating rhythm, the only reality principle that remains. Destabilizing is humorous and childish because the matrix is repetition, a return to the sign through the exhaustion of syntax. There you have it! “Three sisters who are not sisters. A melodrama”. A play plays itself. Short sentences are paramount. Words are repeated like chasms. A short circuit is created or maybe a proto algorithm SOMETHING in the RHYTHM (or *something in the way she moves*) . . . What the hell does this have to do with patterns? . . . And what if you talk about pattern making instead?

In the old days, we used to call it *debuxar*. *Debuxo*, *dibujo*, *designio*, *desenho* (drawing) and so on belong to the same semantic family. A *debuxador* is a pattern-designer.

Edouard Vuillard, a painter and a pattern designer, like other members of the Nabis, paralleled the decorative arts with easel painting. He created theater sets, decorative murals, painted fabrics, engravings, designs for stained glass windows and ceramic plates. At the beginning of the 1890s, he worked especially for Lugné-Poe's Théâtre de l'Oeuvre.

From theater decoration, Vuillard quickly moved on to interior decoration. During his work at the theater, he met the brothers Alexandre and Thadée Natanson, founders of La Revue Blanche, a cultural magazine. Vuillard's drawings appeared in the magazine, along with Bonnard, Toulouse-Lautrec and Vallotton. In 1892, commissioned by the Natanson brothers, Vuillard painted his first “apartment frescoes” for the house of Mme Desmarais².

I have entered Vikram Joshi's workshop³ for the first time in 2019. It was August in Sanganer, Rajasthan, Northwest India. It was raining. We were in the middle of the monsoon season. Sitting at Vikram's table, on which lies an old hand-drawn map of Sanganer, I ask him about dyeing. He's an expert, having learned natural dyeing practices from his master K. V. Chandramouli, author of the book “The Color of our Lives”, published in 1993.

Vikram “My first job was to document the traditional prints of Rajasthan, and for that I went to all possible villages, meeting not only printers but all the extended families which were working with the printers. So, interestingly, a printing community would be associated with the dyers which are another community. They have a special relationship, it is not only a business one but also an interdependency.

- 1 Gertrude Stein, “Three Sisters who are Not Sisters, A Melodrama” texto integral na versão original e traduzido para Português por Inês Cardoso Martins Moreira em “O Jogo Steiniano de Detective”, Unirio.
- 2 Texto retirado, por mim traduzido e adaptado de: https://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89douard_Vuillard
- 3 Rangotri, <https://www.rangotri.com/process>
- 4 Saktivel Vilvapathy, “Responsible Dyeing”, https://www.researchgate.net/publication/281408523_responsible_dyeing
- 5 Gregory Bateson “Mind a Nature. A Necessary Unity”, Wildwood House. London, 1979.

Then the block-makers are another community that is also part of the all process. There are people who do the special washing of the fabric and then, there are people who do the dyeing part. So, printing is done by one family, block-making is done by another family, dyeing is done by another family. . . In a village is all like a community which works together interdependently. They are from different cultural backgrounds, from different cults and communities, and I think that is what makes it so beautiful, it's just on the print, the bond between the different communities and families”.

I then move on to the printing table, lined with blankets, where the fabric to be printed is stretched with pins. The work begins on the fabric, you can hear my knocks on the wooden blocks, the squeak of the trolley wheels with the ink tray. Everything smells and everything is rhythm.

Srinivasa Ramanujan, mathematician or the great pattern-making guru invented a *Primes Theorem*. (*Prime* in Portuguese—*primo*—also means *cousin*).

There is a whole empirical theory about the behavior of natural dyes as members of a family. There are degrees of compatibility between fibers and dyes, a matchmaking logic, merry or grim encounters, also operates in matter (Spinoza's pragmatics). There is also the human body as a precision sensory measuring tool—differentiating hot and cold, assessing the right temperature of water, smelling plant substances and the rotting of metals in mordant baths, looking at colors and finding the subtlest hues.

Saktivel Vilvopathy⁴, professor in the Dyeing Department at the National Institute of Design in Ahmedabad says “Most of the dyers in India have been medical practitioners too. Each component of the material they could get from plant source, was articulated to what in Sanskrit and Ayurveda is called *guna*, meaning character of a chemical, corresponding to a description of a chemical or a component”.

Curar (to heal) and *corar* (to dye or to blush). Analogical thinking is still alive, correspondences between materials (or patterns as bridges) are operating—fabric as skin, fibers as muscles, hair, the astringency of metal and certain fruits that make our taste buds contract and transforms fibers in vivid colors.

Finally, to end this text and to say goodbye to you, dear reader while quoting Bateson⁵, shall we not forget that *the pattern is everywhere*.

- 1 Gertrude Stein, “Three Sisters who are Not Sisters, A Melodrama” full text in the original version and translated into Portuguese by Inês Cardoso Martins Moreira in “O Jogo Steiniano de Detective”, Unirio.
- 2 https://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89douard_Vuillard
- 3 Rangotri, <https://www.rangotri.com/process>
- 4 Saktivel Vilvopathy, “Responsible Dyeing”, https://www.researchgate.net/publication/281408523_responsible_dyeing
- 5 Gregory Bateson “Mind a Nature. A Necessary Unity”, Wildwood House. London, 1979.

Oficina de tinturaria natural com Marta Leite

13 e 14 Dezembro 2024
Mais informações em breve

Participação gratuita
Inscrições: publicos@sismografo.org
Lotação limitada

Natural dyeing workshop with Marta Leite

13 and 14 December 2024
More informations soon

Free participation
Registrations: publicos@sismografo.org
Limited capacity

FRANCISCA CARVALHO é artista visual. O seu trabalho vive o manuseamento de símbolos (e signos) de diferentes geografias, vividos, assimilados e digeridos pela própria, que os traduz em colagens, desenhos, padrões, textos, pinturas e têxteis. Carvalho formou-se em pintura, gravura e filosofia. Acredita na arte descontruída, nas curvas de aprendizagens, na experimentação, no skill e deskill como modos de liberdade partilhada e auto-provocação. Desde 2018 tem desenvolvido uma pesquisa prática na Índia em tinturaria dita natural, kalamkari e hand block printing, sobretudo nas regiões do Rajastão e Gujarat.

FRANCISCA CARVALHO is a visual artist. Her work is based on the handling of symbols (and signs) from different geographies, which she has experienced, assimilated, and digested, translating them into collages, drawings, patterns, texts, paintings, and textiles. Carvalho has a degree in deconstructed craftsmanship, learning curves, experimentation, skill and deskill as forms of shared freedom and self-provocation. Since 2018 she has been carrying out practical research in India on natural dyeing, kalamkari and hand block printing, especially in the regions of Rajasthan and Gujarat.

sismógrafo

Wednesday to Saturday 15:00–19:00. Rua do Heroísmo 31B. Porto, Portugal / www.sismografo.org

Texto/Text: Francisca Carvalho

Tradução e edição/Translation and copy-editing:
Susana Camanho

Produção/Production: Carolina Figueiro,
Pedro Huet e Rita Senra

Montagem/Assembly: Carolina Figueiro,
Francisca Senra, Luiza Leitão, Paulo Mariz,
Pedro Huet, Pedro Tavares, Rita Senra e Sofia Rocha.
Design: Mlacedo Cannatà

Programa Público/Public Program: Letícia Costelha
Agradecimento especial da artista a Vikram Joshi.
Special thanks from the artist to Vikram Joshi.



dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



Sismógrafo has the support:

Apoio Criatório
Porto.

rpac
Rede Portuguesa
de Artes Contemporâneas



CIN

